



TERCEIRO ANDAR

“O edifício é uma trama de sons regulares, sempre iguais, como o bater do coração.”

(Italo Calvino)



TERCEIRO ANDAR de Luciana Fina

Doc, 62min | Instalação díptico 27'

Portugal 2016

O filme "Terceiro Andar" (62min)

DOCLISBOA '16

Seleção Oficial Competição Portuguesa (OUT 2016)

34º TORINO FILM FESTIVAL

TFFdoc|LOVE(NOV 2016)

27º FCAAAL Milão

Festival do Cinema Africano, Ásia e América Latina

Seleção Oficial Competição Italiana (OUT 2016)

Masterclass Civica Scuola di Cinema Luchino Visconti

SALINA DOC FESTIVAL

Seleção Oficial Competição Italiana (JUN 2017)

JAKARTA FILM FESTIVAL

Seleção Oficial Competição Internacional (AGO 2017)

A instalação "Terceiro Andar" (díptico, 27min)

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN Coleção Moderna

Out 2016 - Jan 2017.

ESPAÇO MIRA Porto / FFFP

Dez 2015 - Jan 2016

TERCEIRO ANDAR de Luciana Fina

Doc, 62min | Instalação díptico, 27min | Portugal 2016

Na kal lingu ke n na skirbi ña diklarasons di amor?

Em que língua vamos contar as histórias que nos foram contadas?

Na kal lingu ke n na kanta storias ke n kontado?

Em que língua escrever uma declaração de amor?

(Odete Semedo)

Lisboa, Bairro das Colónias, terceiro andar.

Fatumata e Aissato, a mãe e a filha primogénita de uma família numerosa originária da Guiné-Bissau, dialogam sobre o amor e a construção da felicidade. Narrativas e línguas que adquiriram em diferentes lugares e etapas da vida foram determinando os seus sentimentos.

“Terceiro Andar” convida o espectador para o espaço da palavra e a dimensão sonora e plástica do prédio onde Fatumata, Aissato e a cineasta italiana habitam.

De acordo com a prática cinematográfica e artística de Luciana Fina, “Terceiro Andar” tomou a forma de um filme e uma instalação para espaços expositivos. Com o filme e o díptico “Terceiro Andar” a autora ensaia mais um gesto que interroga as formas narrativas e a matéria do cinema.

NOTAS DA REALIZADORA

Um filme em torno do amor e da educação sentimental inteiramente filmado no interior de um prédio, no espaço da palavra, do diálogo e da tradução. No suceder-se de um poema, de um conto, de uma carta e uma reza, as palavras transitam de uma língua para a outra, de uma interlocutora e de uma voz para a outra, criando ligações.

Pelas 19h, do terceiro até ao meu quinto andar, ressoa pelo prédio um som regular, sempre igual, como o bater do coração. O som sobe as escadas e os patamares, atravessa as paredes, as portas e os corredores, ocupa as casas e as varandas, percorre o prédio em toda a sua complexidade e permeabilidade.

“Terceiro Andar” não nasce com o intuito de contar a história de duas mulheres muçulmanas originárias da Guiné-Bissau. Mais do que procurar uma representação do “outro”, inscreve-se numa reflexão universal sobre o amor e a educação sentimental, interrogando a noção de espaço comum.

Do terceiro andar até ao meu quinto, convivem universos aparentemente muito distantes. Com o cinema, abre-se uma hipótese de relação. O filme dá corpo à dimensão sonora do prédio e desse encontro com Fatumata e Aissato. O diálogo sobre o amor e a felicidade articula gerações, fontes, linguagens e experiências que foram moldando as nossas vidas e os nossos sentimentos.

O Cinema por natureza foca, selecciona, capta, amplia e desmultiplica. E produz imagens que ligam e habitam, não apenas para contar, mas para criar ligações, admitindo o compatível e o incompatível, o cruzar sensível de diversos universos.

O tratamento cinematográfico

O filme assenta num duplo desafio formal e narrativo. Propõe uma experiência do espaço em torno da figura do prédio e do habitar, da sua dimensão plástica e sonora, e simultaneamente organiza o diálogo sobre os sentimentos entre as duas mulheres, seguindo o fio condutor da transmissão e da tradução.

A narrativa é tecida nos distintos tempos da palavra, da memória, do conto, da epístola e do acontecer. Assim, enquanto percebemos o ambiente do prédio, preenchido pelos sons dos inquilinos, da cidade e da vida da numerosa família guineense, processa-se o diálogo e a transmissão entre as duas mulheres. No quinto andar ouvimos o som que me acompanha todos os dias, quando Fatumata usa o pilão para cozinhar, enquanto às sete da tarde preparo o jantar e oiço um programa de cinema na rádio italiana.

Um travelling vertical atravessa em várias horas do dia o volume do prédio. Percebemos o mundo que o prédio encerra e envolve, o interior, as escadas, cantos e recantos do edifício, a interligação sonora entre os espaços e a vida das pessoas.

Fatumata desce as escadas com duas crianças. Apaga-se a luz e ouvimos a porta de entrada a abrir e fechar-se. O irmão de Aissato sobe as escadas e entra em casa. Ouvimos o som da vida nos apartamentos. A luz e os movimentos da câmara transmitem a passagem do tempo, ao longo do dia.

Sucedem-se e entrecruzam-se a percepção do lugar, do prédio, e os processos da palavra.

Um poema, um conto, uma carta e uma reza são as figuras do diálogo de Fatumata e Aissato que transmitem e traduzem, em Fula, Crioulo, Inglês e Português o que moldou e vai alimentando os seus sentimentos e a evolução das suas vidas.

Fatumata conta do trabalho que fazia em criança com a avó, e do momento em que no curral declarara querer ter uma vida melhor. Aissato ouve e traduz. Aissato escreve uma primeira carta de amor para um rapaz em Inglaterra. Fatumata pede a Aissato para apreender a gerir os sentimentos e saber esperar. Aissato traduz. Fatumata conta o encontro com o pai. Aissato interrompe as gravações para a reza do final da tarde.

O Tempo, conjugado no presente do habitar, da palavra e do diálogo, é descontinuado pelo confronto com alguns momentos

e sentimentos do passado. São materiais filmados há cerca de dez anos, em que vemos Aissato e Fatumata num rodopio de mulheres que no seio da comunidade celebram o nascimento de Abdulai, quando Aissato era ainda uma criança, assim como as imagens filmadas há cerca de dois anos, quando Aissato me dava instruções para a ajudar a compor um vídeo para enviar a sua primeira carta de amor.

O espaço do prédio e a *Monstera Deliciosa*

O edifício é uma trama de sons regulares, sempre iguais, como o bater do coração. O bater de uma porta... alguém a correr pelas escadas, largos minutos de espera... Será que existe uma história que liga um ruído ao outro? E se existe uma história... É uma história que te concerne? (Italo Calvino, in Sob o Sol Jaguar)

Pelos sons e pelas imagens percebemos o mundo que o prédio encerra e envolve. O universo interior do prédio, as histórias que alberga, são histórias que nos concernem?



O prédio é um imponente volume de cinco andares e dez apartamentos amplos. Foi construído na década de 1930, integrando o projecto do Bairro das Colónias, que celebrava a vastidão do Império e as Províncias do Ultramar através da sua toponímia. São mais de 500 prédios desenhados entre o estilo Déco e a renovação linguística do estilo moderno, distribuídos por nove ruas e uma praça. É neste prédio que em 1975 chegou da Guiné Bissau o pai da Aissato, e em 1996 Fatumata, a segunda mulher de Manso. É neste prédio que também me mudei em 1992, depois de chegar da Itália em 1991.

A comunidade urbana africana é frequentemente representada nas periferias da cidade, numa condição explícita de discriminação, com o incontornável intuito de dar alguma visibilidade aos problemas de integração. Este filme guarda consciência desta condição, mas opera em sentido contrário, valorizando o contributo que a proximidade e o confronto podem proporcionar na reflexão sobre o nosso mundo e o nosso presente, sobre a condição feminina e a construção da felicidade. A localização deste diálogo no centro histórico da cidade, num prédio dos anos 30 do Bairro das Colónias, num bairro histórico, qualificado em termos arquitectónicos, vem coadjuvar esta abordagem.

O significado da arquitectura nasce do acontecimento, do encontro único do espaço com a pessoa. Um prédio não é apenas um refúgio ou uma protecção para as nossas vidas, é quase mediação entre o mundo e as nossas consciências; as estruturas arquitectónicas organizam e articulam espaços existenciais. A casa abriga o nosso corpo, mas também alberga as nossas memórias, sonhos e projecções. De facto, a construção arquitectónica organiza e estrutura as nossas experiências, ideias e fantasias sobre o mundo.

Do quinto andar, comecei a filmar a partir do som que ressoa no meu apartamento todos os dias, quando às sete da tarde Fatumata começa a preparar o jantar. Tudo acontece no interior do prédio.

Ao longo do filme, um dispositivo cinemático devolve regularmente a experiência do lugar, o interior do prédio, o seu carácter arquitectónico, plástico e sonoro. Em foco estão a dimensão sonora e todo o corpo do edifício, com os seus detalhes arquitectónicos, os materiais, as características e os valores estéticos, o som das vidas que alberga. Os travellings verticais percorrem o vão das escadas, pelos vinte metros de altura do prédio: do hall de entrada, passando pelo terceiro andar de Fatumata e Aissato, até ao quinto andar. O dispositivo original foi desenhado e construído de raiz para poder percorrer toda a altura do prédio e responder às exigências e às opções do movimento e da óptica fotográfica. Um sistema de cordas e roldanas conduz o movimento da câmara, regular e lento, através dos cinco andares, revelando as diversas camadas do prédio, à escuta do universo sonoro que este produz, as vidas que lhe dão hoje existência. Nesse movimento vertical descobrimos também a existência uma planta, conhecida como "Costela de Adão" (*Monstera Deliciosa*), cujas raízes áreas descem estendendo-se do quinto andar para baixo, reforçando a noção da ligação e da passagem do Tempo.



A palavra e o processo

Mais do que afundar o olhar no mundo dos afrodescendentes de forma observacional, convoquei Fatumata e Aissato para o espaço do cinema, convidando-as para uma elaboração do seu diálogo. A produção de imagens torna-se assim um lugar onde se cruzam e relacionam diversos mundos, admitindo o compatível e o incompatível, no amplo espectro de questões ligadas à relação intercultural e intergeracional.

A diversidade linguística é um domínio extremamente significativo no no nosso universo comum e no diálogo entre as diversas gerações de afrodescendentes. O fula, o árabe, o português e outras línguas europeias dão corpo ao diálogo entre essas gerações. Fatumata e Aissato processam um diálogo feito de palavras sempre traduzidas, tanto do fula para o português, quanto no sentido inverso, recíproco, seguindo a ideia condutora da Transmissão e da Tradução. A palavra e as diversas línguas abrem e articulam a complexidade do espaço convocando nele diversos mundos. O tempo da palavra e a tradição oral encontram a sua expressão entre o som das palavras e a figura da ouvinte. Os dois rostos, o da mãe e o da filha, são retratados no acto de ouvir e sugerem o tempo da escuta.

As filmagens da Aissato e da Fatumata foram realizadas separadamente, permitindo que Aissato ouvisse pela primeira vez as palavras da mãe para as traduzir do fula para o português, consecutivamente. Na montagem, preservo o som e o ritmo dos contos em fula. O significado das palavras da mãe só nos é revelado pela voz da filha, pela tradução portuguesa que a própria Aissato faz, consecutivamente.

Começo o diálogo por uma leitura dos versos de Odete Semedo, excertos do poema "Na kal lingu", escritos pela poetisa guineense em crioulo, traduzidos por Aissato e Fatumata para português e fula.



A IMPRENSA sobre o FILME (clips nas pp 25-31)

OTIMISMOS DA COLHEITA LUSA

Francisco Ferreira (EXPRESSO, 29/10/2016)

[...] “Terceiro Andar”, de Luciana Fina, que muito impressionou. Tantas histórias de mulheres se viram, esta tocou fundo. Passa-se num prédio, e num andar, do Bairro das Colónias, em Lisboa, onde a cineasta também vive (conta a sinopse, não o filme). Os planos, intramuros, são cerradíssimos. A liberdade, numa noção que aqui é de grande amplitude, vem antes do som e das histórias que geram outro espaço que não está no ecrã. São histórias imaginadas e de amor, debatidas por duas mulheres, mãe e filha primogénita de uma família numerosa, Fatumata e Aissato, guineenses e muçulmanas. Elas falam de ideais de felicidade. Imaginamos que o fora de campo do filme, que é o da realidade da vida delas será bem mais terreno e difícil. Mas dizer tudo isto e já dizer de mais, e já pregar uma rasteira ao filme porque “Terceiro Andar” está desde o início daquele ‘lado de lá’, daquela utopia traduzida pelas duas mulheres. Luciana Fina não informa. Nada. Resiste a isso e há todo um programa político aqui. Informar já é diferenciar. Correr o risco de um exotismo. Criar urna barreira em relação a quem vemos. “Terceiro Andar” é antes um filme que, socorrendo-se de inusitados movimentos de câmara entre os diferentes pisos do prédio, vai perseguir raízes, a hipótese de uma comunhão. É um filme a florir. Como urna árvore que só se deixará ver por inteiro no último plano.

PENSAMENTO E PALAVRA

Massimiliano Schiavoni (revista QUINLAN Itália, 11/24/2016)

Comunicação, memória, relações entre sujeito e objecto. “Terceiro Andar” de Luciana Fina apresenta-se como uma emocionante reflexão em imagem e som em torno do desafio da “comunicação” e do poder do olhar cinematográfico.

[...] As duas mulheres confrontam-se com a memória e com a elaboração criativa (a rapariga quer compor uma vídeo/carta para o rapaz amado), procurando ou aderindo espontaneamente a uma linguagem pessoal. A autora sobrepõe longos planos de espaços liminares: janelas, portas entreabertas, escadas, patamares, elementos contínuos que convocam e põem em relação duas entidades distintas. A comunicação não é aqui apenas um desafio humano, é também detectável em indícios dispersos no inanimado. É por isso talvez que todos os dias, à mesma hora, os sons no prédio são sempre os mesmos.

A partir de traços minimalistas, “Terceiro Andar” intenta uma complexa arquitectura de sugestões assente em motivos recorrentes de grande impacto emotivo. Se as antenas no telhado transmitem o programa radiofónico da RAI3 italiana “Hollywood Party”, ligando lugares longínquos [com a voz da Alida Valli no filme “Siamo Donne”], o mesmo faz a planta das raízes aéreas que descem do quinto andar pelas escadas do prédio. A comunicação existe também numa espécie de geometria natural, dispondo-se a tornar-se objecto de outro instrumento de contacto fundamental (e mais poderoso): o cinema. Apenas o olhar cinematográfico,

para além dos limites do olhar humano, consegue subir com movimento sinuoso pelo interior do prédio e acompanhar as torções dessas raízes descendo por andares e patamares, e apenas o cinema pode traduzir/reler tal imagem restituindo-lhe toda a sua inédita carga comunicativa. [...] Luciana Fina reflecte em suma sobre uma das especificidades humanas mais essenciais, sobre a linguagem enquanto tradução da interioridade, solicitando sugestões sobre a relação entre sujeito e objecto, procurando sobretudo inéditas e impenetráveis correspondências no panorama do existente que se depara perante cada um de nós. Só o cinema pode fazer isto, com a capacidade de descompor e recompor imagens e encontrar inéditas relações, chegando até onde o olhar humano não pode. “Terceiro Andar” é também uma palavra lançada em favor da comunicação, empresa desesperada, contudo absolutamente necessária.

Sobre a instalação díptico no DOCLISBOA '16 | MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

Cíntia Gil, Davide Oberto (DOCLISBOA Passagens)

[...] No programa Passagens 2016 apresentamos um trabalho de Luciana Fina, “Terceiro Andar”, instalação em duplo ecrã que, mais do que funcionar como um *split screen*, funciona como uma espacialização das questões, antes do mais afectivas, que animam as imagens. Uma mãe, Fatumata, e uma filha, Aissato – a tarefa da transmissão, a tarefa da recepção, o jogo da tradução; educação sentimental, aprendizagem, pensar por si própria; a descoberta do amor e a dedicação ao outro; a constatação de que o futuro é sempre diferente do passado, mas só o passado o pode tornar vivo, leve, e ajudar a construir uma promessa de felicidade. Os dois ecrãs são, portanto, simultaneamente superfícies e canais, vias, que permitem um jogo de relações: Fatumata e Aissato, Aissato e Luciana, todas com o espaço comum, o prédio no Bairro das Colónias. A unir tudo a raiz de uma planta tropical, que começou o movimento do filme antes mesmo de ele existir.

“Terceiro Andar” funciona como um jogo entre movimento e ponto de vista, a partir de dois eixos. Um eixo horizontal, nesta composição que, de certo modo, horizontaliza a relação entre mãe e filha e compõe espacialmente a actividade de traduzir (*traducĕre*) – transportar, de um ecrã ao outro, as palavras, os olhares, as histórias; e um eixo vertical, dos movimentos de câmara, das escadas do edifício, das raízes da planta que caem do último andar, aquele onde habita Luciana Fina. Como se a verticalidade introduzisse (*introducĕre*) o tempo no espaço da instalação, o desejo de cinema no espaço do duplo ecrã, ao mesmo tempo que insinua e materializa a relação entre a artista e as duas mulheres, entre o olhar reflexivo, lento, e a vida quotidiana na sua máxima sensibilidade.

Uma série de palavras ditas, às vezes em *off* outras em *on*, vão complexificando e dando corpo ao jogo câmara/ponto de vista – o som das palavras que se escutam e o significado que se aprende a seguir; o som do sentido, o rosto que o transmite e o recebe. A tradução recupera o seu sentido mais profundo – uma actividade onde o afectivo e político são indissociáveis – e torna-se, ela mesma, em ponto de vista. “Terceiro Andar” é um filme-tradução que inventou para si mesmo uma espacialidade em que as palavras e os significados libertam e revelam os sentidos e os afectos.

TERCEIRO ANDAR

62min | Portugal, Itália 2016

escrita e realização LUCIANA FINA
com FATUMATA e AISSATO BALDÉ
fotografia HELENA INVERNO, LUCIANA FINA, RUI XAVIER
montagem LUCIANA FINA, CLÁUDIA R. OLIVEIRA
som OLIVIER BLANC, EMANUELE COSTANTINI, MIGUEL CABRAL
maquinaria MARCELLO URGEGHE
misturas TIAGO MATOS
coloristas ANDREIA BERTINI, MARCO AMARAL
estúdio pós-produção ÍNGREME
tradução inglesa JOSÉ ROSEIRA
produção e gestão
CELESTE ALVES, PAULA VARANDA, ELSA SERTÓRIO
produtoras LUCIANA FINA, LUISA HOMEM
distribuição TERRATREME - JOÃO MATOS, PEDRO PERALTA

Agradecimentos

Manso Baldé, Mamadu, Mussa, Mariama, Abdulai, Yunuss, Djumila, Bun, Ahmmad, os inquilinos e os vizinhos do prédio;

Odete Semedo, autora do poema "Na Kal Lingu N Na Skirbi"

Maher Zain, "For the Rest of My Life".

Os músicos N'Dara and Baba Kanuté, que animam festas e baptizados em casa dos Baldé.

Rai Radio 3, pelo inspirador acompanhamento quotidiano e "Hollywood Party, Il Cinema alla Radio", de Steve Della Casa, de que ouvimos o episódio transmitido a 30/7/2015, sobre o filme "Siamo Donne" (1953), de Gianni Franciolini, Alfredo Guarini, Roberto Rossellini, Luchino Visconti e Luigi Zampa, com Alida Valli, Ingrid Bergman, Anna Magnani, Isa Miranda e quatro jovens mulheres aspirantes a atrizes.

co-produção

LAF studio | TERRATREME

apoio

FIDELIDADE PROPERTY, BALLETEATRO

apoio equipamentos

RICOCHETE FILMES, SCREEN MIGUEL NABINHO, CINESET

apoio financeiro

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

ICA INSTITUTO CINEMA E AUDIOVISUAL

laf studio

TERRATREME

balleteatro

FIDELIDADE
PROPERTY

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

ICA
INSTITUTO DO CINEMA
E DO AUDIOVISUAL

exposição

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN | DOCLISBOA

apoio

DGARTES Direcção Geral das Artes

GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES

FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

doclisboa'16

LAFstudio produz filmes e exposições procurando expandir a experiência cinematográfica para o campo e o espaço da arte.

TERRATREME FILMS promove modelos de produção que permitem a autonomia dos processos criativos. A produtora articula um amplo e consistente trabalho nas áreas do cinema, da investigação e da educação.





AISSATO lê no dicionário.

Transmissão, do latim *trasmissione*, sexo feminino.

1- acto ou efeito de transmitir-se;

2- transferência de coisa direito, ou obrigação.

FATUMATA conta memórias da infância na Guiné

AISSATO, em directo, traduz do Fula

Salamaleque, a paz esteja convosco.

Eu tinha na altura dez, onze anos,

quando a minha avó ...

me convidava para irmos ao estábulo...

Como é que se chamam os locais onde vamos ordenhar as vacas?

Estábulo... estábulo é dos cavalos, não é?

Estábulo... Cavalos... mhhhh



AISSATO comendo a carta de amor

*"I love you because of no reason at all
because if I have a reason to love you
I'm afraid I'll have a reason to leave you.
You are my better half
without you,
I won't be complete.
It's possible that we may forget each other,
but right now, you complete me."*

Ah! Poderia dizer isso a gravar,
seria muito mais giro.
Acho que fica mais lindo, não é?
Assim, a minha voz.
Faz mais sentido do que meras palavras.
A minha voz faz mais impacto.



LUCIANA FINA | Biografia

Trabalha em Lisboa desde 1991. Após uma longa colaboração com a Cinemateca Portuguesa como programadora independente, estreia-se no cinema em 1998. Desde então, tem desenvolvido um trabalho que migra frequentemente da sala cinematográfica para o espaço de exposição, investigando as possibilidades e as hipóteses do Cinema no campo das Artes. A partir de 2003, cria a série de retratos fílmicos reunidos no projecto "O Tempo de um Retrato". Tem apresentado internacionalmente o seu trabalho em festivais e exposições. O seu mais recente documentário, "In Medias Res", recebeu uma Menção Honrosa do Temps d'Images Film on Art Award e o Prémio Melhor Filme Nacional do Arquiteturas Film Festival.

No outono de 2016 inaugura um novo trabalho de instalação, o díptico TERCEIRO ANDAR, na secção Passagens do Doclisboa, Museu Calouste Gulbenkian, e volta a apresentar a sua primeira instalação, CHANTportraits (2003), na Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão e no Festival Temps d'Images, em Lisboa.

Estreia o filme TERCEIRO ANDAR no Doclisboa 2016, na competição nacional.

FILMOGRAFIA

2016 Terceiro Andar (doc, 62') PT/IT
2013 In Medias Res (doc, 72') PT
2009/2012 Portraire, cadernos (filme ensaio) PT
2006 Le Réseau (doc, 68') FR/PT/IT
2004 O Encontro (doc, 61') PT
2003 Taraf, três contos e uma balada (doc, 42') PT
2001 24h e Outra Terra (doc, 45') PT
1999 Jérôme Bel, le film (55') FR
1998 A Audiência (doc, 76') PT

INSTALAÇÕES

2016 Terceiro Andar (díptico)
2014 Être Ici (site specific)
2014 A Casa e o Tempo (site specific)
2001/2010 CCM The fear machine (CCTV 1- 7)
2009 HORS SUJET portrait (díptico)
2009 VUE portraits (tríptico)
2005 REFLECTION portrait (díptico)
2004 MOUVEMENT portrait (díptico)
2003 CHANT portraits (tríptico)
2002 JBEL 3 Plans in Horizontal Editing (díptico)
2000-2001 Sequence For a State of Grace (Super8, performances Vera Mantero, João Fiadeiro)
1999-2001 Gypsies Among Us (mixed media)





MUSEU GULBENKIAN installation view, Jan 2017



MUSEU GULBENKIAN installation view, Jan 2017



ESPAÇO MIRA installation view, Jan 2016

TERCEIRO ANDAR | selected press clips





Data: 29.10.2016

Título: Otimismos da colheita lusa

Pub:

Expresso **E** A Revista do Expresso



Fatumata e
Aissato, mãe e filha
primogénita em
"Terceiro Andar",
de Luciana Fina

Otimismos da colheita lusa

Uma apreciação transversal dos filmes portugueses apresentados este ano pelo DocLisboa. O festival anuncia o palmarés esta noite

TEXTO FRANCISCO FERREIRA

E

m dia de balanço e de prémios (a sessão de encerramento é hoje, às 21h, na Culturgest), viramos as atenções para algumas obras portuguesas em que este 14º Doclisboa apostou. É justo — e sem querermos minorizar o esforço de todas as outras — frisar o contributo da CRIM e da Terratreme, as duas produtoras portuguesas que mais importância conquistaram nesta década de cinema luso, dentro e fora de portas. Este Doc evidenciou o momento de qualidade que atravessam. Foi a CRIM que produziu “Correspondências”, de Rita Azevedo Gomes, filme que faz vibrar no presente

a inteligência, a sensibilidade, a urgência política inscritas nas cartas trocadas entre Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen (é um filme especial, e o Doc sabe-o, levando-o para a Competição Internacional), mas também “How I Fell in Love With Eva Ras”, de André Gil Mata (secção Riscos), viagem pelo cinema dos Balcãs e pela sua história recente. Qualquer discussão sobre a importância do

cinema português em 2016 não pode dispensar estes filmes. Da parte da Terratreme, chegaram-nos (produzidas ou em coprodução) três obras: “Ama-San”, de Cláudia Varejão (um ano forte para esta cineasta do Porto, que já no início do ano assinara um documentário em torno dos 40 anos da Companhia Nacional de Bailado, “No Escuro do Cinema Descalço os Sapatos”), “A Cidade Onde Envelheço”, da brasileira

Marília Rocha (e protagonizado por duas atrizes portuguesas), assim como “Terceiro Andar”, de Luciana Fina, complementado por uma instalação (um díptico) patente no CAM, na Gulbenkian. Note-se que, à parte “Terceiro Andar”, todos os citados vêm de um percurso já iniciado em diversos festivais internacionais. Outro filme nestas condições de que gostámos muito, estreado em



Roterdão (tal como o de Marília Rocha), é a 'rêverie kino-dinâmica' a 3D "O Espectador Espantado", a melhor entrada em anos recentes de uma obra única no mundo. Que belo gesto, e com um sentido de humor tão acertado, nos deixa aqui Edgar Pêra (produção da Bando à Parte), com um filme 'que nos olha' e interroga o nosso lugar de espectadores (nesse lugar que é em tudo de ritual, de assombro, de exorcismo e de desejo), através da experiência e dos depoimentos de vários convidados (Eduardo Lourenço, Augusto M. Seabra, F. J. Ossang...). Sempre disposto a problematizar o que nos é dito, o espírito crítico de Pêra é aqui total e chega a ganhar contornos épicos de maldição com o testemunho do crítico alemão Olaf Möller, que ameaça com o Demo em defesa de preciosos princípios. Alta comédia.

De "A Cidade Onde Envelheço" guardaremos as sugestões, os não-ditos, as indecisões que variam nos estados de espírito que atravessam Francisca e Teresa, amigas, portuguesas, não muito próximas, que se reencontram em Belo Horizonte. Despertam-nos um mistério: vivem elas as suas vidas ou são as vidas das suas personagens que vão, a pouco e pouco, crescendo na nossa percepção? No limite, quem ficciona é sempre o espectador. A este, exige "Ama San" tempo e entrega

ao levar-nos para o quotidiano daquelas mergulhadoras de Wagu (vila costeira do Japão), elas que têm algo de homérico quando respigam o fundo do mar, prolongando nesse trabalho uma tradição de milénios. Também aqui se pensa bastante na cumplicidade entre quem filmou e foi filmado e num ponto de vista da cineasta que, quem sabe se por pudor, se resguarda, deixando-nos 'à mercê' das personagens e do investimento que cada um fará nelas. Já dos filmes (e é coincidência) com menos de 30 minutos, todos alheios a convencionalismos, é certo, sentimos que havia sobretudo muito barro para moldar e mais trabalho a fazer (e ainda assim, nota de simpatia por "Downhill", de Miguel Faro, e pelos seus *skaters* que deambulam na noite urbana, sem 'tese para provar').

Por fim, "Terceiro Andar", de Luciana Fina, que muito impressionou. Tantas histórias de mulheres se viram, esta tocou fundo. Passa-se num prédio, e num andar, do Bairro das Colónias, em Lisboa, onde a cineasta também vive (conta a sinopse, não o filme). Os planos, intramuros, são cerradíssimos. A liberdade, numa noção que aqui é de grande amplitude, vem antes do som e das histórias que geram outro espaço que não está no ecrã. São histórias imaginadas e de amor, debatidas por duas mulheres, mãe e filha primogénita de

uma família numerosa, Fatumata e Aissato, guineenses e muçulmanas. Elas falam de ideais de felicidade. Imaginamos que o fora de campo do filme, que é o da realidade da vida delas, será bem mais terreno e difícil. Mas dizer tudo isto é já dizer de mais, é já pregar uma rasteira ao filme porque "Terceiro Andar" está desde o início daquele 'lado de lá', daquela utopia traduzida pelas duas mulheres. Luciana Fina não informa. Nada. Resiste a isso e há todo um programa político aqui. Informar já é diferenciar. Correr o risco de um exotismo. Criar uma barreira em relação a quem vemos. "Terceiro Andar" é antes um filme que, socorrendo-se de inusitados movimentos de câmara entre os diferentes pisos do prédio, vai perseguir raízes, a hipótese de uma comunhão. É um filme a florir. Como uma árvore que só se deixará ver por inteiro no último plano. ●

O Doc exhibe os filmes premiados amanhã no São Jorge, às 16h15, e no Grande Auditório da Culturgest, às 19h e 21h30.

Mais informações em www.doclisboa.org

ALTREVISIONI

Posted 11/24/2016 by [Massimiliano Schiavoni](#)

TERCEIRO ANDAR

di [Luciana Fina](#)

Voto: 7.5

Comunicazione, memoria, rapporti tra soggetto e oggetto. Terceiro andar di Luciana Fina si propone come un'emozionante riflessione in immagini e suono intorno alla "sfida" della comunicazione e alla potenza dello sguardo cinematografico. Al TFF in Internazionale.doc/Love.

Pensieri e parole

Nella palazzina di Lisbona dove la filmmaker Luciana Fina abita vivono anche due donne, madre e figlia, originarie della Guinea-Bissau. Entrambe si confrontano col ricordo e con la creazione, mentre la filmmaker si mette in cerca di suoni, immagini e corrispondenze nell'edificio. [sinossi]

La comunicazione, la memoria, le trasmigrazioni del senso. Dare forma a ciò che si pensa, si ricorda, si prova, rendendo oggetto il soggetto. E ancora, la comunicazione come mezzo di interconnessione che crea a sua volta nuovi oggetti mettendone due o più in relazione. La filmmaker Luciana Fina è italiana e vive a Lisbona da 25 anni.

Terceiro andar nasce da suggestioni ricavate da minute esperienze quotidiane nella palazzina in cui abita. Tra le sue condomine vi sono due donne, Fatumata e Aissato, madre e figlia originarie della Guinea-Bissau. In più, nel palazzo più o meno alla stessa ora si avvertono sempre gli stessi suoni, provocati dall'interazione dell'uomo con l'ambiente. Da questi due spunti minimali Luciana Fina ha allargato una suggestiva riflessione sulla comunicazione, sui suoi strumenti, sul legame imprescindibile tra senso e canale, e sul ruolo che lo stesso cinema (o riproduzione audiovisiva in senso lato) ricopre in tale panorama comunicativo.

Per buona parte in **Terceiro andar** le due donne si confrontano col ricordo e con l'elaborazione creativa (la ragazza vuol comporre un video per il ragazzo amato), cercando o aderendo spontaneamente a linguaggi personali. Al contempo l'autrice giustappone lunghe inquadrature di spazi liminari: finestre, porte socchiuse, scale, pianerottoli, continui elementi che congiungono e mettono in relazione due entità separate. La comunicazione non è quindi soltanto una sfida umana, ma è rilevabile anche in tracce sparse nell'inanimato. Per questo forse tutti i giorni, alla stessa ora, i suoni nel palazzo sono sempre i medesimi: l'uomo entra in contatto con l'oggetto, dando luogo a un'inedita creazione che vive di vita propria, determinata da un ulteriore rapporto comunicativo. In tal senso sono da interpretare le insistenze e titubanze della giovane Aissato nel dare corpo alla sua idea di video per dichiararsi all'amato: è un atto di traduzione (Fina dà indicazioni in voce over in tale direzione per rendere la lettura più univoca citando lemmi di vocabolario di alcune parole-chiave) che mette in campo uno scontro tra idea e realtà, così come i racconti della madre Fatumata si delineano in modo ancora più stringente come messa in contatto tra il ricordo, carico di tutta la sua significanza emotiva (e quindi soggettiva), e la sua espressione.

Prendendo le mosse da spunti minimalistici, **Terceiro andar** mira a una complessa architettura di suggestioni che si avvale di alcuni leit-motiv decisamente emozionanti. Se le antenne sui tetti trasmettono una puntata radiofonica di "Hollywood Party" con la voce inconfondibile di Steve Della Casa collegando luoghi lontani, fa altrettanto la pianta rampicante che si inerpicia in alto fino al quinto piano. La comunicazione quindi sta anche in una sorta di geometria naturale, che al contempo si piega a farsi oggetto di un altro fondamentale (e più potente) strumento di contatto: il cinema. Solo il suo sguardo,

che non è limitato come quello umano, può infatti arrampicarsi con sinuosi movimenti a salire registrando le contorsioni della pianta su tre piani diversi di una scalinata, e solo il cinema può tradurre/rileggere tale immagine restituendone tutta la sua inedita portata comunicativa. Creando al contempo un'ulteriore occasione di comunicazione tramite i propri specifici strumenti. Luciana Fina riflette insomma su uno degli specifici umani più fondanti, quello del linguaggio come traduzione dell'interiorità, sollecitando suggestioni sul rapporto tra soggetto e oggetto e mettendosi soprattutto in cerca di inedite e impenetrabili corrispondenze nel panorama dell'esistente che si para davanti a ognuno di noi. E questo, per l'appunto, può farlo solo il cinema, capace di scomporre e ricomporre immagini rintracciandovi inedite relazioni, spingendosi dove l'occhio umano non può guardare. **Terceiro andar** è anche una parola spesa in favore dell'ottimismo della comunicazione, impresa disperata, ma sempre da tentare. Non a caso tra le parole più significative nella chiusura del film risuona "insieme". Qua e là traspare un'eccessiva autocoscienza di discorso con qualche ridondante sottolineatura, ma l'opera resta potente ed emozionante.

Info

La [scheda](#) di Terceiro andar sul sito del Torino Film Festival 2016.



- > Genere: **documentario**
- > Titolo originale: **Terceiro andar**
- > Paese/Anno: **Italia, Portogallo** | **2016**
- > Regia: **Luciana Fina**
- > Fotografia: **Helena Inverno, Luciana Fina, Rui Xavier**
- > Montaggio: **Cláudia R. Oliveira, Luciana Fina**
- > Produzione: **LAF studio, Terratrema**
- > Durata: **62'**

Massimiliano Schiavoni

11/24/2016

Raccontare con le immagini

Professione: artista-filmmaker

Luciana Fina in mostra al Museo Gulbenkian di Lisbona con l'installazione «Terzo piano»

di **Fabrizio Versienti**

Una sua installazione è in mostra fino al 23 gennaio al Museo Gulbenkian di Lisbona. S'intitola *Terceiro andar / Third Floor*, ovvero «Terzo piano», come l'omonimo docufilm (un «mediometraggio», un'ora di durata) presentato all'ultimo Torino Film Festival. L'artista e autrice di entrambe le opere, costruite sugli stessi personaggi e con le stesse immagini, è la barese Luciana Fina, liceo classico al Flacco e laurea in Lingue a Bari, alle spalle un lungo curriculum di film e video-installazioni accumulato in Portogallo, dove vive da oltre vent'anni.



no, quello dove vive la stessa Luciana Fina: questa volta, le protagoniste sono Aissato e la regista, che la aiuta a realizzare un video-messaggio per la persona che ama dando vita con lei a un dialogo nel quale la ragazza a poco a poco svela i propri gusti, sogni, obiettivi. È una riflessione sull'educazione sentimentale di Aissato, oltre che un'indagine sulla diversa idea di felicità che muove le persone, in linea con la relazione che intrattengono col loro mondo; infatti la camera osserva con attenzione gli ambienti in cui si muovono, i loro spazi domestici.

Il racconto della regista non si sviluppa in modo lineare ma attraverso pause, ripetizioni,

Ma il richiamo o anche solo la proiezione dei suoi lavori verso l'Italia è costante: nel 2011 presentò alla Biennale di Venezia *Occupazione*, una serie di ritratti ravvicinati di volti osservati nel loro lento mutare nel tempo.

In *Terzo piano* invece la sua attenzione si concentra su uno spazio delimitato, raccontando le persone che lo abitano, mostrando gli oggetti e gli interni in cui si muovono, ascoltando i rumori che le circondano: è uno stabile del Bairro das Colónias, a Lisbona, dove al terzo piano Fatumata e sua figlia Aissato, due donne musulmane, discutono d'amore e di felicità. Appartengono a una numerosa famiglia originaria della Guinea-Bissau, come molti nel «quartiere coloniale» di Lisbona.

La camera indugia sui loro volti, ce ne dà una serie di ritratti ravvicinati per poi allargare il campo all'intero appartamento, mostrandoci i preparativi di una festa che riunisce i membri della famiglia. Un altro momento di dialogo ravvicinato si sviluppa poco dopo nell'appartamento del quinto pia-



Ritratti Sopra, alcune immagini di «Terzo piano». Nella foto piccola a sinistra, Luciana Fina

salti. Le inquadrature «abitate» dai personaggi si alternano ai passaggi della camera negli spazi vuoti del palazzo, il portone, la tromba delle scale, via via stringendo su dettagli come il lungo rampicante che collega diversi piani del palazzo, quasi una fibra nervosa che connette le diverse parti dell'immobile, che ha anche una propria vita: alle sette della sera, ad esempio, lo attraversa un suono discreto e regolare, una sorta di battito cardiaco.

Terzo piano è allo stesso tempo una riflessione sugli strumenti del racconto cinematografico, sulla comunicazione tra esseri umani, verbale e non, e sulla necessaria «traduzione» tra loro di parole e gesti: lo sguardo ravvicinato sui volti ci offre l'opportunità di osservare tutto questo in modo molto analitico. Efficace quanto sottilmente spiazzante, sia nella versione «lineare» del film che in quella frammentaria dell'installazione.

In una Puglia che fa molto per valorizzare il lavoro dei suoi film e videomaker, sarebbe bello se *Terzo piano* e le altre opere di Luciana Fina trovassero spazio, prima o poi, per essere mostrate anche «a casa».